

Isabelle sonha em aprender cavaquinho, mas já coleciona boas histórias que emocionam alunos das oficinas



Jovem assistente administrativa do Polo Pedreiras diz que oficinas resgatam jovens que convivem com violência doméstica

Isabelle Pereira, 19 anos, trabalha no Polo de Pedreiras há um ano como assistente administrativa. Ela não esquece de um episódio que aconteceu com um aluno logo que começou a trabalhar.

“Ele chegou triste e chorando e o professor o chamou para conversar. O aluno estava com problemas em casa. Queria fugir e se matar. O professor conversou horas com ele e chamou o psicólogo para outra conversa. Graças a Deus ele mudou o pensamento e em três semanas estava vendendo salgado na praça, frequentando a oficina de Coral e feliz da vida”, contou, emocionada.

A assistente administrativa lembra que essa é apenas uma história de muitos adolescentes da região que convivem com violência doméstica e não têm com o que se ocupar ou evoluir nos estudos.

“Com a chegada da Casa da Cultura, as crianças e os adolescentes ganharam a chance de descobrir ou evoluir o seu talento. Sem falar na oficina de Mídias Sociais, que ensina várias ferramentas da Internet e rede social, fundamental para qualquer profissão hoje em dia. Além da capoeira que oferece atividade e bem-estar para quem pratica”, elogia.

Isabelle não tem muito tempo para entrar para a oficina de cavaquinho e coral, suas preferidas, mas planeja fazer a matrícula nas próximas turmas.

“Quero muito aprender a tocar cavaquinho. Adoro pagode. A oficina de Cinema também me atrai muito. Estou conversando com a direção para aproveitar algumas horas do dia para as aulas”, ressaltou.

O interesse cada vez maior dos adolescentes pelas oficinas serve de incentivo.

“Conheço muitos que matam a aula de sexta-feira para ficar aqui o dia inteiro. Eles têm consciência de que estão errados em faltar à aula, mas a vontade de aprender é maior”, explica.

Isabelle conta que com a grande procura pelas oficinas, muitos ficam de fora aguardando o próximo semestre para a matrícula.

“Os que conseguem aprendem com tanta facilidade que passam o conhecimento para os que não estão matriculados. Eles vão para a praça ou casa dos colegas para ensinar as técnicas assimiladas nas oficinas”, comenta.



Programa **CULTURA de DIREITOS**

Maricá - junho de 2019 - ANO I, n 10

POLO DE PEDREIRAS

A superação de dificuldades, a luta pelo sonho de infância, a persistência e a determinação são exemplos de alunos que vencem desafios a cada dia e fazem brilhar as oficinas do Polo de Pedreiras

Pág. 2



Professora de Literatura garimpa talentos do Ensino Fundamental para o mundo das artes

Pág. 5

Talento e afinação

Pág. 7



PEDREIRAS, uma semente para o futuro



Oficina de cavaquinho costuma atrair público de todas as idades no Polo de Pedreiras

O Polo de Pedreiras chama a atenção não só pela Oficina de Cinema, como acontece também em Inoã, mas pelo nível profissional de seus professores. Sobra eficiência e qualificação nas oficinas de Música, Canto, Coral, Sopro e Cordas. Se depender de eficiência, os alunos estão com um espaço garantido no futuro. Quem afirma são os próprios pais e dos alunos.

Não há como negar que a estrutura montada na oficina de Cinema, com equipamento de última geração, faz com que não só adolescentes, mas muitos adultos procurem o Polo para se candidatar à uma vaga na sala de aula.

Sem falar no apoio psicológico e logístico que os professores e coordenadores

oferecem diariamente aos alunos. A ponto de as dificuldades do dia-a-dia da família e do convívio no bairro onde moram sejam deixados de lado durante as aulas. Celular, nem pensar. É assunto proibido durante as aulas. Nada que interfira ou atrapalhe a atenção das crianças e dos adolescentes.

A experiência dos professores serve de espelho para os alunos. São profissionais que têm história para contar e exemplos a serem seguidos.

Claudio Guimarães é um dos que chama a atenção. Com a carreira centrada no samba, várias composições em parceria com gente famosa, como Zeca Pagodinho, Beth Carvalho, Xande, entre outros, é coordenador da Oficina de

Música, além de dar aula de cavaquinho. Vale a pena conhecer um pouco da sua história.



Claudio Guimarães: parceria com Zeca Pagodinho

Gabriel e o sonho de cantar como Michael Jackson

A inspiração no ídolo Michael Jackson levou Gabriel Emanuel, 12 anos, a entrar para a oficina de Percussão, Cavaquinho e Violino. Ele ressalta que o aprendizado o aproxima do sonho de ser músico famoso.

“Desde pequeno sempre admirei o Michael Jackson. Ele cantava muito. As músicas são lindas, a voz nem se compara. Posso não ser famoso como ele, quero fazer o que mais gosto que é seguir na música”, comentou.

A explicação pelo violino vem, literalmente, de berço. Quando era ainda um bebê, Gabriel dormia ao som de música instrumental de violino que a mãe Aline colocava para ele dormir. Alguns anos depois, a mãe de criação

Lúcia seguiu a mesma opção.

“Elas diziam que o som do violino me acalmava. Isso me acompanhou por vários anos, gosto muito. O interesse pela percussão vem do meu pai Jair. Ele me incentiva muito para eu aproveitar a oportunidade de aprender cada vez mais”, conta.

Antes de entrar para as oficinas, Gabriel não se relacionava bem com vizinhos e alguns familiares. A dificuldade era na hora de conversar em grupo.

“Nunca tratei mal ninguém, mas não gostava muito de conversar. Na primeira semana de oficina, o professor me chamou e alertou sobre a dificuldade que eu teria para ser músico, caso



Jovem quer ser músico famoso

continuasse retraído. Foi o bastante para entender o recado. Passei a me relacionar melhor em casa e com os amigos”, enfatizou.



Cláudio Guimarães e os alunos da turma de cavaquinho: talento reconhecido

EXPEDIENTE:

Jornal Programa Cultura de Direitos - uma publicação da Secretaria de Participação Social, Direitos Humanos e Mulher e da Casa da Cultura Centro de Formação Artística e Cultural da Baixada Fluminense/ CNPJ 36.446.029/0001-49./ Termo de Colaboração nº 01/2018./ Endereço da Sede do Programa: Rua Pereira Neves, 247, Centro, Maricá - Jornalista: Luiz Moraes - RPR-MT - JP - 24304-RJ/ Edição: Marcos Galvão RP: 17.356-RJ \ Textos: Edir Lima / Assessor de Comunicação: Sergio Henrique/ Diagramador: Alexandre Campos/ Colaborador: Rodrigo Nogueira e Silva/ Fotografia: arquivos do programa e da secretaria e Yuri Vasconcelos/ Impressão: Marcia Marques da Silva M.E. / CNPJ 08.473.387/0001-05/ Rua Carlos Vianna, 401, Lojas 02 e 03, Rio das Ostras, CEP 28.893-464/ Inscrição Estadual 78220554 Tiragem 50.000 (cinquenta mil).

A cura da depressão através das aulas da oficina de música

Thiago Marques, 23 anos, compõe desde os 10 anos. Logo que abriu as inscrições para as oficinas foi um dos primeiros a entrar para o Coral e percussão. Ele ressaltou que, para quem sonha em fazer carreira na música, a oportunidade é imperdível.

“A estrutura, com espaço e equipamentos novos e a nível profissional, além dos professores de muita qualidade, são fundamentais para o sucesso do projeto. Em seis meses eu aprendi técnicas e conhecimento que vou levar para o futuro”, exaltou.

Segundo o aluno, o que mais chama atenção nas oficinas é o nível profissional dos professores.

Tem o Claudinho Guimarães, a Isabelle Nunes, o Rodrigo, profissionais de alto nível. Evolui muito como músico nesse período de oficina. Não tem como ser diferente. Além do conhecimento e experiência profissional, eles passam

experiência de vida, ajudando na formação do cidadão. Tudo isso de graça”, disse, em tom de agradecimento.

Thiago lembra que o maior interesse em entrar para a oficina de Coral era conhecer técnicas de canto, incluindo principalmente impostação da voz e estilos de música. Toda a inspiração vem de casa. “Meu pai é minha inspiração. Ele toca baixo e por isso quero fazer violão em breve. Ele me incentiva muito para aproveitar a oportunidade e me dedicar nas oficinas. Quero muito levar esse conhecimento daqui para a minha carreira. Vale muito a pena. Os professores são top de linha”, compara.

O músico lembra ainda que a música o ajudou a sair de uma depressão profunda há um ano.

“O desemprego e a impotência de ajudar em casa me levaram à depressão. Fiquei muito mal. Com a ajuda de psicólogo e o amor pela música, consegui me recuperar.



Quero muito retribuir essa benção ensinando os jovens a tocar instrumento, aprender técnicas de canto. Tudo de graça, como acontece aqui”, adiantou.

Empresário diz que oficinas afastam jovens da criminalidade



Otto Miguel, interesse pela capoeira

O empresário Rubens Galvão, 40 anos, faz questão de levar o filho Otto Miguel para a oficina de capoeira três vezes por semana. Segundo ele, a atividade melhora a interatividade com outras crianças, além de ser saudável.

“Ele gosta muito. Fala sobre a cultura que aprende nas aulas e até me chama para praticar com ele. Isso é muito

importante para uma criança. Em breve, pretendo colocá-lo na oficina de música. Ele pede para aprender a tocar instrumento e entrar para a oficina de Canto e Coral. Acho ótimo o interesse. Afasta a criança e o adolescente da rua, das más companhias e da marginalidade”, comentou.

Rubens enxerga mais longe o interesse do filho pelas oficinas. “Preciso aproveitar essa animação dele pelas oficinas. Quem souber aproveitar isso bem, pode levar para o futuro a nível de capacitação. Imagine o que a oficina de Mídias Sociais pode somar na vida de uma pessoa. Toda profissão depende da pessoa para se evoluir. As empresas não investem mais em panfleto e rádio para publicidade. Hoje, a rede social é o melhor caminho para promover o seu produto e se relacionar com o cliente”, explicou.

O empresário chama a atenção para a

falta de capacitação da maioria dos trabalhadores da região. “Muitos querem um emprego e não um trabalho. Não querem trabalhar sábado, domingo, feriado. Torcem o nariz para isso, reclamam. Essa mentalidade tem que mudar. O mundo mudou, evoluiu. As pessoas devem se dedicar mais, se capacitar mais”, alertou.

Rubens exaltou a iniciativa da Prefeitura de Maricá em oferecer oportunidade para a população se capacitar.

“Além das oficinas de música, tem a oficina de Mídias Sociais, o Cinema. São cursos de alto nível profissional. Quem abraçar esse conhecimento pode tornar-se um ótimo profissional no futuro. O Comperj (Complexo Petroquímico do Rio) está chegando na região e é ótima oportunidade de trabalho para todos”, comentou.

HELENITA, A PAIXÃO PELO CAVAQUINHO E A SUPERAÇÃO DA TRISTEZA



Oficina de cavaquinho costuma atrair público de todas as idades no Polo de Pedreira

Helenita Terzezo, 73 anos, é uma das mais empolgadas com as aulas de cavaquinho. Ela conta que a oficina ajudou a sair de uma fase de depressão.

“Sempre soube que os idosos sofrem com problemas de depressão. Não acreditava muito, mas senti isso quando me aposentei. A falta de ocupação causa tristeza, um vazio no dia-a-dia. A oficina de cavaquinho foi o que de melhor aconteceu na minha vida nos últimos anos”, observou.

A depressão prejudicou até a rotina de cantar em bares e eventos nos fins de semana. Helenita é cantora e acredita que as oficinas de música lhe ajudarão a evoluir ainda mais.

“Se antes eu recebia convites para cantar, imagine cantando e tocando cavaquinho. Nunca é tarde para aprender. Sou cantora, mas quero

fazer oficina de Canto e Coral. Tudo na vida evolui e quero conhecer novas técnicas e novidades”, frisou.

A cantora não esconde de ninguém a emoção ao ver o interesse de crianças e adolescentes pelas oficinas de música. Segundo Helenita, em breve novos talentos serão descobertos em Maricá.

“É impressionante o interesse e a busca por informações. Eles aprendem na sala de aula e vão na Internet pesquisar mais sobre o que assimilaram. Melhor ainda é tirar crianças e adolescentes da rua. A música educa. Tem que ter disciplina, aprender a respeitar o espaço dos outros. Isso tudo não tem preço”, destacou.



Cantora também quer fazer aulas de canto e coral

Karen quer ensinar deficientes auditivos



Intérprete de Libras, jovem chegou à oficina através da irmã, que saiu para fazer faculdade, enquanto ela continuou

Karen Billé, 27 anos, é intérprete de Libras. O interesse pelas oficinas começou na época que acompanhava a irmã, que é deficiente auditiva nas aulas de Cinema.

“Eu vim para ser o elo de ligação entre o professor e a minha irmã, através das Libras. Gostei tanto que entrei para a oficina. É outro mundo, outro horizonte. Não imaginava que iria gostar tanto. Minha irmã acabou saindo para fazer faculdade, mas eu continuei”, disse.

A proposta é oferecer conhecimentos profissionais qualificados, colocando-os à disposição de pessoas carentes que sonham com uma vida melhor, com boas oportunidades. A região ganhará muito com isso. Que isso sirva de exemplo para outros municípios”, analisa.

Por falar em oportunidade para a população, Karen já sonha com um horizonte atrás das câmeras.

“Gosto muito de direção e roteiro. Quero buscar conhecimento nessa área, gostaria muito de ensinar essas técnicas para os surdos da região. Apresentei o projeto para a Casa de Cultura. Estamos evoluindo nesse projeto”, adiantou.

Karen lembra que a maioria dos alunos segue as orientações dos professores à risca.

“São crianças e adolescentes humildes que não têm muita orientação dos pais. É gratificante ver as transformações de cada um. Isso faz bem para quem acompanha, é uma troca. O aluno assimila as orientações e o professor aprende com a simplicidade da criança”, comentou.



Afinco e dedicação no aprendizado

Professora estimula alunos do Ensino Fundamental com aprendizado da oficina de audiovisual



Mônica Thevernard e Karen Bille: paixão pela sétima arte

Quando a professora de Inglês e Literatura Língua Portuguesa Mônica Thevernard, 50 anos, entrou para a oficina de Cinema, ela tinha interesse em levar o conhecimento adquirido para os seus alunos do Ensino Fundamental.

“Trabalho com adolescentes de 12 e 13 anos. Tento passar essa experiência para eles, que se animam com as oficinas que eu monto na sala de aula. Isso motiva muito os alunos e gera mais conhecimento, além de ser mais uma forma de expressão”, adiantou.

Mônica afirma que as aulas apenas com livros didáticos não funcionam muito bem para a atual geração de alunos. Segundo ela, os trabalhos com jornais e sites despertam mais o interesse da turma.

“Falar e comentar sobre uma reportagem que saiu no jornal ou na Internet atrai mais a atenção dos alunos. Por conta disso,

resolvi trazer o que aprendo na oficina de audiovisual, que é um universo de informação e de conhecimento. Os alunos ficam superempolgados com a aula”, avaliou.

O interesse por Cinema vem desde a adolescência e contagiou o filho Lucas, de 17 anos, que já trabalha no meio, através do conhecimento que adquiriu na oficina do Polo de Pedreiras.

“Ele faz filmagem de movimento estudantil. Edita e dirige, soube aproveitar a oportunidade. A empolgação dele com isso me contagiou. Quero muito conciliar esse conhecimento com as minhas aulas na escola”, planeja.

O projeto da professora vai além das aulas. “Minha intenção é me especializar em roteiro. O profissional não precisa acompanhar o set, a filmagem. Produz o roteiro e vende o trabalho”, conclui.



Luz, câmera, ação, expansão do conhecimento